

# Concurso Marquinha do Biquíni: visibilidades político-corporais entre jovens homossexuais em um bairro “periférico” de Belém<sup>1</sup>

*Marquinha do Biquíni Pageant: political-body visibilities among young homosexuals in a “periphery” of Belém, Brazil*

**Ramon Reis**

*Doutorando em Antropologia Social – PPGAS/USP  
ramonrei@gmail.com*



## Resumo

Este texto apresenta os resultados parciais de minha pesquisa de doutorado, ainda em andamento, sobre espaços de sociabilidade homossexual (bares) em “periferias” de São Paulo (bairros de Itaquera e São Mateus) e Belém (bairro do Guamá). Para este artigo, privilegio a etnografia que realizei durante o concurso Marquinha do Biquíni, no bairro do Guamá. O evento ocorre desde 2008 no quintal de uma casa e tem como finalidade “*eleger o melhor bronzado, a melhor marquinha do biquíni*” das “*candidatas*” (rapazes homossexuais). A proposta metodológica foi olhar para dentro do bairro a partir do concurso e mostrar seus efeitos capilares na articulação com mobilidades e marcadores sociais, sobretudo, de gênero, sexualidade e raça/cor. Entre os aspectos que me chamaram a atenção, cito os seguintes: a busca por visibilidade e a produção de estéticas corporais femininas. Os pontos conclusivos a que cheguei evidenciam, mesmo que indiretamente, um produtivo diálogo entre juventude homossexual e cidade em uma chave que mescla visibilidades político-corporais (apresentações de si) e apropriações do espaço urbano com menos fixidez e mais circulação e borramento de fronteiras. Portanto, a produção de estéticas corporais “periféricas” complexifica a relação simplória entre juventude homossexual e “ausência” de consciência política, ou seja, de que a presença de tais jovens e a própria produção da festa possuem caráter de “esvaziamento” político.

Palavras-chave: Concurso Marquinha do Biquíni. Jovens homossexuais. Visibilidades político-corporais. Estéticas corporais “periféricas”.

## Abstract

These are partial results of my doctoral research, still in progress, about homosexual sociability spaces (bars) in “peripheries” of São Paulo (Itaquera and São Mateus) and Belém (Guamá). For this article I privilege the ethnography that I made during the Marquinha do Biquíni pageant in the Guamá. That event takes place since 2008 in the backyard of a house and aims to “*choose the best tan, the best little mark bikini*” of “*candidates*” (men homosexuals). The methodology was looking into this “periphery” through the competition and show your capillary effects in connection with mobilities and social markers, mainly, of gender, sexuality and race/color. Among the aspects that caught my attention, I quote them: the search for visibility and the production of body aesthetic female. The conclusive points that I got evidence, even indirectly, a productive dialogue between youth homosexual and city in a key that combines political-body visibilities (self-presentations) and urban space appropriation with less fixity and more movement and borders blurring. Therefore, the production of “peripheral” body aesthetic problematizing the simplistic relationship between youth homosexual and “lack” of political consciousness, that is, that the presence of such young and the party production has character of political “emptying”.

Keywords: Marquinha do Biquíni pageant. Young homosexuals. Political-body visibilities. “Peripheral” body aesthetic.

## Introdução: cidade, bairro e eventualidade

Esta é uma pesquisa de doutorado, em curso, cujo principal objetivo é apresentar um estudo antropológico que coloca em perspectiva as cidades de São Paulo e Belém a partir de uma análise sobre a produção de sociabilidades homossexuais em bairros “periféricos”<sup>2</sup> destas capitais. Neste artigo, privilegio os dados recolhidos durante a incursão etnográfica que realizei, em 2013, no concurso Marquinha do Biquíni, no bairro do Guamá – “periferia” de Belém. O referido evento ocorre desde 2008 no quintal de uma casa e tem a finalidade de “eleger o melhor bronzeado, a melhor marquinha do biquíni” das “candidatas” (rapazes homossexuais)<sup>3</sup>.

Para fins de contextualização, a seguir faço uma breve digressão histórica.

\*\*\*

Em abril de 1990, o antropólogo Raymundo Heraldo Maués apresentou um trabalho na XVII Reunião Brasileira de Antropologia, em Florianópolis (SC), em que explicava, dentre outras coisas, a pluralidade presente no termo “Amazônias”. Sua apresentação intitulava-se: “Amazônias: identidade regional e integração nacional”. Publicado posteriormente (em 1999) em uma coletânea de artigos individuais do mesmo autor, na qual uma das contribuições fora escrita em coautoria com sua esposa – a antropóloga Maria Angélica Motta-Maués –, o trabalho do autor reuniu um rico e diversificado material sobre religiões, histórias e identidades amazônicas.

Nesse livro, Maués situa o lugar da “Amazônia” (leia-se: região Norte, mais especificamente o Estado do Pará) em cenário nacional, permeada por intenções e envolvimento específicos, permitindo que se possa pensá-la enquanto uma “região de fronteira, sujeita a um longo processo de colonização e

---

<sup>1</sup> Pesquisa de doutorado, em andamento, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP - Processo nº 2012/11721-8), sob orientação do Prof. Dr. Júlio Assis Simões. “As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP”. A primeira versão deste artigo foi apresentada no GT 14 – Gênero y Poder: Masculinidades, Arte, Cuerpo y Cultura –, do V Colóquio Internacional de Estudios sobre Varones y Masculinidades, entre 14 e 16 de janeiro de 2015, em Santiago, Chile. Aproveito a ocasião para agradecer pelas contribuições dos professores/coordenadores do GT: Benedito Medrado, Héctor Guillermo Núñez e Juan Pablo Sutherland.

<sup>2</sup> Para facilitar a leitura do texto, é importante salientar que todas as palavras e frases grafadas em itálico entre aspas se referem a termos e aspectos (especialmente falas) êmicos. As demais palavras aspeadas são categorias de análise. Por fim, as palavras em itálico e sem aspas dizem respeito a estrangeirismos. Vale ressaltar, também, que utilizo os termos “periferia”, “centro” e seus correlatos entre aspas, sob rasura, tal como propõe Hall (2005).

<sup>3</sup> Mantive o termo homossexuais como forma de torná-lo inteligível no texto. Estou ciente de que seu uso não dá conta de explicar tais realidades, principalmente pela diversidade de significados e sentidos em questão. Foi possível, por exemplo, observar em campo a recorrência a termos como “gay”, “viado”, “bicha”.

de incorporação/integração, primeiramente como colônia do Estado Português e, mais tarde, como parte integrante do Estado Brasileiro” (MAUÉS, 1999, p. 61).

O antropólogo, então, observou que o contexto de “integração nacional” de Belém e o apelo a um projeto “desenvolvimentista” para a região Norte possui duas fases mais latentes: I – a chamada “era pombalina” no século XVIII; II – a promoção de um “desenvolvimento econômico” regional a partir dos anos 1950. A primeira fase trouxe à tona uma reformulação estrutural instituída pelo então governador Marquês de Pombal, que a partir de 1750 assinou tratados e decretou leis especialmente de interesse comercial (vislumbrando Belém como porta de entrada da Amazônia), que além de impulsionarem o crescimento local, incentivaram a substituição da mão de obra indígena pelo trabalho de escravos negros<sup>4</sup>. A segunda fase coadunou mercado, consumo e exportação em uma chave que pensava o “desenvolvimento” pela via direta com aspectos da economia regional (por exemplo, a gastronomia e o, ainda tímido, turismo). Por um lado, essa “necessidade” de expandir mercados de consumo e de trabalho sintetizou ações estatais a partir de dois pontos fundamentais: empreendimentos agropecuários e industriais. Por outro lado, colocou a região refém de “grandes projetos”, como estradas e usinas hidrelétricas.

Ao me deter sobre a segunda fase supracitada, é possível notar um período de crescimento demográfico *pari passu* à expansão dos bairros “periféricos”<sup>5</sup> da cidade. A esse respeito, o cientista social Thomas Mitschein (2006, p. 12) afirma que “o crescimento demográfico mais expressivo de Belém se concretizou entre 1960 e 1980. Nessa época, na qual a população residente passou de 399.222 pessoas para quase 1 milhão, se ampliaram, de maneira expressiva, os bairros periféricos da cidade”. Segundo o autor, no período acima, ocorreu um intenso fluxo migratório de populações do interior do Pará, de microrregiões vizinhas - Bragantina, Baixo Tocantins, Salgado, Ilha do Marajó, Guajarina, Tomé Açu etc. -, para as “periferias” de Belém.

Dois fatores acentuaram esse fluxo de migrantes do interior paraense para Belém, quais sejam: I – a precariedade da infraestrutura social relacionada

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar que desde o início da fundação de Belém, em 1616, “índios e caboclos, mestiços e negros constituíram a maior parcela de mão de obra economicamente ativa da Amazônia, nas diversas atividades agrícolas e extrativistas da região” (RODRIGUES, 2008, p. 71).

<sup>5</sup> Alguns bairros de “periferia” de Belém, em geral os que são ladeados pelo rio, como o Guamá, a Terra Firme, o Jurunas e a Condor, são conhecidos como “*baixada*” ou “áreas de baixada” (MARRA, 2008), pois foram construídos em cima de um terreno varzeado. “Esta terminologia é ligada à baixa altimetria dessas áreas. Nesse caso, além da questão altimétrica, esses bairros localizam-se em uma área de várzea, inseridas no igarapé do Tucunduba, às proximidades do rio Guamá” (SANTANA, 2014, p. 2582). A esse respeito, ver também Carmena Ferreira (1995).

à crise econômica, por conta da concentração fundiária; II – a desvalorização da força de trabalho somada à ausência de incentivos financeiros (MITSCHKEIN, 2006). Portanto, em termos populacionais, foi em meados do século XX que a cidade apresentou um ritmo de crescimento acelerado.

Esse exercício de mobilidade, que se configurou pela via da “expulsão” das populações de baixa renda dos “centros” em direção às “periferias”, fortaleceu não somente o protagonismo dos moradores através da formação de lideranças políticas estimuladas por movimentos sociais – a exemplo do movimento de luta pela água em 1985 –, como também estimulou a manifestação de expressões culturais, como as toadas de boi e as escolas de samba, presentes no cenário de algumas “periferias” de Belém, pelo menos desde a década de 1930.

Na pesquisa de doutorado da antropóloga Carmem Izabel Rodrigues (2008) sobre sociabilidade e construção de identidades no bairro do Jurunas, em Belém, ela enfatiza como, a partir do fluxo terrestre e fluvial de migrantes para as “periferias” da capital, manifestações culturais como as escolas de samba, as festividades religiosas e as quadrilhas juninas são elementos fundamentais para o entendimento das dinâmicas identitárias que se constroem no bairro e que aos poucos o extrapolam. Nesse caso, as mobilidades dos moradores servem menos para isolar o bairro num tempo ou espaço e mais para destacar a cotidianidade que interliga “centros” e “periferias”, asfaltos e rios, passado e presente.

Se, como afirma Maués (1999), a “Amazônia” pode ser considerada como uma região de fronteira, compreendo que bairros de “periferia” como o Jurunas, o Guamá, a Terra Firme e a Condor, pela confluência entre rio e cidade e pelo intenso processo de migração, também podem ser concebidos como lugares de fronteira, não apenas por demarcações territoriais, mas também por imaginações geográficas borradas que vão para além da simples mobilidade enquanto um efeito de ir e vir; mas fazem parte do que eu chamo de movimento-ação.

O bairro do Guamá, não obstante sua localização “periférica”, também dispõe de uma geografia socioespacial que interliga rio e cidade, “centro” e “periferia”. Na dissertação do historiador José Dias Júnior (2009) sobre cultura popular no Guamá, o resgate histórico que o autor apresenta serviu para explicar o lugar que teve/tem o bairro no processo de urbanização de Belém. O avanço estrutural pelo qual passou este lugar a partir da década de 1950, por conta também dos resquícios da economia da borracha, aumentou seus níveis

demográficos e, por conseguinte, abriu caminhos/passagens/ruas, além de ter possibilitado a construção de estabelecimentos comerciais e residenciais.

De acordo com os dados demográficos do censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população total do Guamá equivale a 94.610 habitantes (44.998 homens e 49.612 mulheres), no que se refere ao sexo e à situação de domicílio<sup>6</sup>. Funcionando como porta de entrada para a cidade, por quem desembarca pelo rio, o bairro é um dos mais populosos na atualidade.

Outro aspecto importante diz respeito à construção do *campus* da Universidade Federal do Pará (UFPA) na década de 1950 no Guamá, aspecto que contribuiu para que o bairro se tornasse mais visível não somente pelas manchetes que associam pobreza, violência e criminalidade, mas também porque a inauguração da UFPA “impulsionou” o crescimento local e melhorou a qualidade de vida dos moradores (o que de fato não aconteceu). O Guamá é, sem dúvida, um lugar compósito e emblemático para o cotidiano de Belém. Sua história de lutas, além das festividades, isto é, a relação entre cotidiano, cultura e política, serve para ilustrar “que, mesmo não sendo único, é um reflexo das expressões de cultura popular de um bairro de periferia de uma grande cidade” (DIAS JÚNIOR, 2009, p. 62).

Dito isso, a ideia foi olhar para dentro desse bairro a partir da escolha de um concurso de beleza gay e mostrar os efeitos capilares do evento na conexão com movimento-ações pela cidade e suas articulações, sobretudo, com marcadores de gênero, sexualidade e raça/cor (BRAH, 2006; McCLINTOCK, 2010) presentes nas relações entre jovens homossexuais, para além de uma perspectiva etária, mas como um estilo de vida (DEBERT, 2010), e nas suas apresentações de si (o que chamo de visibilidades político-corporais, porque não se trata apenas de arte e/ou performance, é antes de mais nada um exercício político).

Evidencio que o interesse não é empobrecer meu argumento em torno do privilégio ao aspecto de lazer e sociabilidade homossexual em detrimento dos altos índices de violência que são noticiados diariamente sobre os bairros “periféricos” de Belém. Seguirei uma construção textual a contrapelo do discurso midiático que associa diretamente “periferia” e violência; nesse sentido, darei ênfase a uma eventualidade específica, enquanto mais uma faceta da constituição do bairro. É importante mencionar que a compreensão sobre o que se convencionou chamar de bairro “periférico” está intimamente

---

<sup>6</sup> Cf. Anuário Estatístico do Município de Belém (2012).

relacionada aos “fluxos e contrafluxos” (REIS, 2014, 2015) na cidade, em uma dimensão que situa bairros em tempos e espaços específicos (FELTRAN, 2011), construídos em relação a algo/alguém (MASSEY, 2013), e indicando marcações de sexualidade, classe, territorialidade, desejo etc. (PUCCINELLI, 2013).

O caráter processual do bairro e do concurso enquanto lugares produtores de “eventualidades espaço-temporais” (MASSEY, 2013) contribui para colocar em primeiro plano o aspecto micropolítico de relações sempre inacabadas e produzidas no cotidiano. As convenções e as imaginações espaciais borram fronteiras a partir da relação entre grupos de amigos homossexuais de bairros “centrais” e “periféricos”.

Nesse sentido, o que pontua não é a construção de políticas e visibilidades estanques, mas formuladas em conexão com o exterior, exatamente na esteira do argumento de Carmem Rodrigues (2008) sobre a “sociabilidade festiva”<sup>7</sup> presente no bairro do Jurunas, indicando processos de identificação situados em um espaço-tempo que mesclam elementos intra e extra-locais. As análises da autora dão conta de que essa “sociabilidade festiva é, portanto, central para a transmissão da tradição e, ao mesmo tempo, um espaço produtor de relações, valores e experiências extremamente atuais” (RODRIGUES, 2008, p. 58). Em campo, ela ouvia a seguinte frase: “*O Jurunas não dorme!*”, que procurava representar este bairro, por seus moradores, como um lugar festeiro e alegre, a despeito das constantes manchetes sensacionalistas e exageradas a respeito da violência em bairros “periféricos” da capital paraense.

Na pesquisa de mestrado do antropólogo Antônio Maurício Costa (2009) sobre lazer e sociabilidade no bairro da Terra Firme, ele percebeu práticas de “*entrosamento*” entre moradores em torno, principalmente, da música e do esporte; a capacidade de seus interlocutores se organizarem fortalecia laços e movimentava a economia local. Os pontos comuns nesses três bairros (Guamá, Jurunas e Terra Firme), nessa chave de análise, são as sociabilidades, as mobilidades, o mercado informal e as visibilidades político-corporais, que se constituem em quintais de casas e ruas, como é o caso, por

---

<sup>7</sup> O termo “sociabilidade festiva” utilizado por Carmem Rodrigues se refere diretamente à apropriação do conceito feita por Xavier Costa (2002). Em sua pesquisa no festival cultural de Fallas, em Valência (Espanha), o autor identificou que a expressão da “sociabilidade festiva” mesclava aspectos importantes entre tradição e modernidade. Tal sociabilidade reflete não somente o modo como se constituem e/ou se agregam relações, mas também processos de transmissão de conhecimentos. É importante destacar que, como afirma Georg Simmel (1983), a sociabilidade não é algo dado e por isso não pode ser entendida meramente como um elemento descritivo; enquanto forma lúdica de socialização, seus efeitos dizem respeito principalmente à criatividade, ao dinamismo e à possibilidade de grupos se reunirem em torno de algo.

exemplo, dos torneios de futebol na Terra Firme; das festas católicas, carnavalescas, juninas e de aparelhagem no Jurunas; das rodas de samba e atividades culturais em torno do boi-bumbá, no Guamá, além da existência do bar gay Refúgio dos Anjos<sup>8</sup> e do concurso Marquinha do Biquíni, que garante certo protagonismo de homens e mulheres homossexuais moradores e não moradores do bairro do Guamá.

Meu primeiro contato com o bairro do Guamá aconteceu em 2004, quando tive que ir à UFPA tratar de algo referente ao vestibular. Conheci-o mais de perto logo após ter sido aprovado no curso de Ciências Sociais dessa mesma universidade, em 2005. A aproximação ficou mais intensa quando passei a frequentar o bar Refúgio dos Anjos.

Soube da existência do concurso Marquinha do Biquíni no dia 25 de setembro de 2013, à noite, em uma ida ao bar Veneza<sup>9</sup> – localizado no bairro de São Braz –, majoritariamente frequentado por homens e mulheres homossexuais, na companhia do amigo e antropólogo Milton Ribeiro<sup>10</sup>. O bar costuma ser movimentado nas noites de quarta-feira, funcionando como “*esquenta*” e ponto de encontro, além de ser uma espécie de termômetro noturno ao indicar, pelas conversas, qual o espaço que está “*bombando*” (leia-se: badalado) na noite. Naquela quarta-feira calorosa, pareceu-me oportuno tomar umas cervejas para refrescar e socializar.

Durante aqueles primeiros momentos, os clichês iniciais de cumprimentos, acenos, sorrisos, aos poucos caminhavam para uma exaltação de ânimos. Sob efeito alcoólico, uma corporalidade estridente se evidenciava por meio do grito, rebolado, tom de voz alto; se havia algum tipo de convenção prévia, ela acabava desaparecendo. Com o avançar da hora, na minha tentativa de manter o controle da situação, tendo em vista o meu nível de sobriedade diminuído, mantive-me atento e passei por vários grupos de amigos em busca de novidades. Parecia um repórter. Senti-me na experiência de antropólogo-repórter.

---

<sup>8</sup> No segundo semestre de 2016, o bar Refúgio dos Anjos – popularmente conhecido como bar “*da Ângela*” (mesmo nome da proprietária) –, completará 20 anos. Dos espaços de sociabilidade homossexual de Belém, o bar é o mais antigo em funcionamento.

<sup>9</sup> Em 2015, o nome do bar mudou para Máscara, mas continua na mesma localização: Travessa 3 de Maio, nº 2000, São Brás.

<sup>10</sup> Durante o desenvolvimento desta pesquisa, reconheço a importância de fazer incursões etnográficas na presença de amigos que também pesquisam gênero e sexualidade. Além de fortalecer laços de amizade, contribui para a sofisticação de argumentos e *insights* a partir da nossa inserção no campo de estudos em gênero e sexualidade. Feita esta ressalva, mantive seu nome de registro principalmente por uma questão de reconhecimento intelectual. Exceto o nome de Milton e de algumas *Drags*, os demais nomes de interlocutores são fictícios.

Em uma das minhas investidas, fui apresentado a um dos amigos de Milton. Durante nosso diálogo, ele se mostrou exímio conhecedor de festas juninas paraenses e de concursos de beleza gay. Continuar aquela conversa era oportuno, sobretudo porque os relatos de Raul me davam conta da complexa rede de amigos e de eventos que era acionada, tal como uma árvore genealógica cheia de filiações. Enquanto prosseguíamos, ele deu ênfase ao concurso Marquinha do Biquíni: “[...] *É um concurso que acontece no Guamá, no quintal de uma casa, há mais de três anos... Tem o evento no Face [book], se tu quiseres saber mais detalhes [...]*”. Pensando na estratégia acima, que toma como ponto de partida minhas circulações pela cidade e observações na internet, a incursão etnográfica que trago a seguir ocorreu no dia 28 de setembro de 2013, como detalharei na próxima seção.

### **“Um concurso que elege o melhor bronzeado, a melhor marquinha do biquíni”**: produzindo visibilidades político-corporais

Figura 1: Flyer do evento



Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=367534996712342&set=a.352003688265473.1073741825.100003675334406&type=3&theater>>. Acesso em: 1 dez. 2014.

No dia 28 de setembro de 2013, voltei ao Guamá. Convidei, novamente, Milton para me conduzir nas travessas e ruas do bairro e irmos juntos ao concurso. Não obstante o curto percurso da casa dele ao espaço onde

aconteceu o evento (passamos duas quadras e cruzamos a avenida José Bonifácio, de grande fluxo de automóveis pelas manhãs e tardes), consegui, mesmo que rapidamente, perceber distinções, por exemplo, quando comparei aos bairros “centrais” Cidade Velha e Batista Campos, onde a crescente lógica de verticalização se fortalece anualmente e o aumento do custo de vida “embranquece” o cenário.

No Guamá quase não se veem prédios, pois há uma predominância de casas de madeira e de alvenaria. Meninas e meninos, moças e rapazes, senhoras e senhores, brincam, bebem e conversam nas ruas. Tais dinâmicas aparecem fortemente em pesquisas que foram realizadas em “periferias” de Belém (DIAS JÚNIOR, 2009; RODRIGUES, 2008; COSTA, 2009), onde parentes, amigos, vizinhos, não somente se conhecem como transitam entre casas e se prostram à frente destas, observando o movimento da rua.

Acredito que fomos os primeiros a chegar, às 21h. O que nos fez localizar a casa foram os balões e a bandeira do arco-íris na frente: um sobrado em construção, com muros altos e um pequeno portão de entrada e saída. Após algumas batidas, surgiu um rapaz, o organizador da festa. Ele nos informou que o evento não tinha começado, pois ainda esperavam as fitas de controle que seriam colocadas nos pulsos das pessoas. Enquanto aguardávamos a liberação da entrada, acompanhados de um amigo de Milton, dei um giro de 180 graus com vistas a esquadrihar a rua: terreno abandonado, bar, casa, casa, rua, casa que vendia bebidas e comidas. Além daquela sociabilidade homossexual por meio da festa, era expresso um aspecto econômico que movimentava o trânsito de sujeitos e retroalimentava economias familiares de pequeno porte, refiro-me aos pátios de casas que serviam de bares e lanchonetes.

Aos poucos, foram se formando pequenos grupos de amigos, advindos de diversos bairros de Belém, reunidos ali, creio eu, por determinados fatores de semelhança: vizinhança, afinidades, trabalho, torcida por “*candidatas*”. Eram majoritariamente homens homossexuais, efeminados, aparentemente entre 18 e 25 anos.

A entrada foi liberada às 22h30. Pagamos R\$10,00 por pessoa. No *hall*, a primeira coisa que notei foi um cartaz com um fundo nas cores do arco-íris, estampando o rosto do vereador Fernando Carneiro (eleito em 2012, pelo Partido Político Socialismo e Liberdade – PSOL), com a seguinte frase: “*Enquanto houver homofobia, não haverá uma sociedade verdadeiramente democrática: o direito à cidade é o direito à diversidade*”.

**Figura 2:** Banner fixado na entrada da casa



Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

Concurso. Política. Uma das primeiras questões que me fez refletir sobre o potencial político do concurso foi exatamente os variados sentidos em torno da feitura da política, do que se costuma pensar enquanto formalidade e informalidade. No contexto etnografado, não significa que uma militância profissional anteceda uma espécie de “esvaziamento” político que a festa causa em alguns presentes; o que há é um desafio em lançar luz para o evento na tentativa de compreendê-lo não somente enquanto mero efeito recreativo.

Determinadas pesquisas sobre a trajetória do Movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) brasileiro (FACCHINI, 2005, 2009; FACCHINI; FRANÇA, 2009), no percurso que compreende os anos 1980 até os anos 2000, mostram que durante essas décadas pelo menos duas facetas importantes de atuação são boas para pensar, quais sejam: a institucionalização e a intersectorialidade. A primeira requer um extremo cuidado para o entendimento em torno da complexa trama de atores envolvidos no processo de aproximação entre militância e Estado; a segunda diz respeito à promoção de ações políticas que beneficiam um quadro maior de grupos (de mulheres, de negros, de LGBT), atentando para a construção de políticas públicas focalizadas. Embora tais iniciativas tenham “levado a debates e a saídas práticas interessantes, nota-se que a produção de conceitos que não mantenham como foco os sujeitos políticos, tais quais construídos pelo movimento, são fontes de conflito” (FACCHINI, 2009, p. 137).

Ao relacionar essa construção analítica com a produção do concurso Marquinha do Biquíni, observo que o cerne da questão, sobre o qual se assenta o entendimento de que a festa possui caráter de “ausência” de consciência política, está ligado à própria noção do que são sujeitos políticos. A distinção entre “campo” e “arena” (FACCHINI, 2005, 2009; FACCHINI; FRANÇA, 2009) parece fazer total sentido, haja vista que quem está no “campo” atua diretamente na ponte aproximativa entre instituições públicas e atores, enquanto aquelas/es pertencentes à “arena” reconhecem a existência de um movimento político, mas não participam diretamente do cotidiano da militância. Nesse último caso, determinadas cenas a respeito de quem merece ser, ou não, a liderança/porta-voz do Movimento LGBT são bastante recorrentes.

Portanto, não cabe nivelar quem é mais, ou menos, politizado no que se refere às posturas das candidatas do concurso Marquinha do Biquíni e do público presente. É importante, sim, evidenciar que esses jogos de poder em torno de uma “focalização da focalização” (FACCHINI, 2009) distanciam cada vez mais oportunidades de diálogo, criando concepções fatalistas sobre a juventude homossexual contemporânea.

As análises do filósofo Michel Foucault, especialmente em *Vigiar e Punir* (2014 [1975]) e *História da Sexualidade I – A vontade de saber* (1993 [1976]), destacam o modo como se constituem as relações de poder – negociações entre forças que não necessariamente se constroem por meio de maniqueísmos (lícito/ilícito, moral/amoral, bem/mal). Então, antes que se afirme que a capilaridade do poder é alguma coisa, torna-se necessário compreender o substrato das relações, nesse caso, as possíveis tensões existentes entre o “campo” e a “arena” do Movimento LGBT brasileiro (FACCHINI, 2005, 2009; FACCHINI; FRANÇA, 2009).

A construção textual de Foucault não é pura e simplesmente uma retórica da negação da negação, exatamente por isso ele não está preocupado em desvendar o que é o poder, mas seu caráter estratégico, aspecto que aparece na mensagem do cartaz e nas articulações políticas internas à festa. É justamente quando o autor se propõe a esquadrihar a relação entre política e corpo que ele deixa evidente que suas explicações não se bastam por uma lógica moral e/ou jurídico-estrutural.

Desta feita, quando eu relaciono o processo da produção de um discurso sobre poder com as apresentações de si – vistas como visibilidades político-corporais –, quero dizer que essa lógica argumentativa não é um

produto fechado em si por um enunciado e tampouco que os corpos são propriedades do espaço. Ainda que seja utópico pensar numa “anatomia” política que problematize não apenas arquétipos corporais, quando levo em conta a noção de “corpo político” (FOUCAULT, 2014 [1975]), consigo compreender que as estratégias de visibilidades, de permanências e de existências fazem total sentido no âmbito das relações que são construídas no concurso Marquinha do Biquíni, num jogo que mescla a materialidade (estrutura) e a técnica (agência), servindo “de armas para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber” (FOUCAULT, 2014 [1975], p. 31).

Portanto, os fundamentos contingentes do *banner* acima, se não causam um efeito imediato no receptor, marcam a representação de figuras públicas como multiplicadores e, em algum sentido, porta-vozes de políticas públicas. Fiz esse apontamento levando em conta não somente o cartaz, mas também a presença da travesti Bruna Lorrane, candidata a vereadora pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), em 2012, que nos últimos anos tem falado publicamente em nome do Movimento LGBT do Pará e causado constrangimento por parte de algumas lideranças, sendo acusada de oportunista e não representante legítima do Movimento. Por conta dessas querelas, preferi tecer apenas esse breve comentário. Caso necessário, voltarei a esse ponto. Sigo adentrando no espaço.

A capilaridade do poder político se mostrou eficaz nesse contexto, seja por um efeito discursivo que procurou se conectar a demandas legislativas de LGBT em Belém e por todo o estado do Pará (refiro-me à mensagem explícita naquele *banner*), seja pela práxis político-corporal subjacente ao concurso.

Voltando à etnografia. Passamos por um corredor estreito e escuro, e ao chegarmos aos fundos observei o seguinte *banner* que fazia alusão às *misses* de concursos de beleza: uma mulher com tom de pele branco, longilínea, de cabelos pretos lisos, usando biquíni, salto alto, pulseiras, brincos, óculos escuros e tiara, com a mão na cintura, e ao seu lado esquerdo as palavras em caixa alta: “CONCURSO MARQUINHA DO BIQUÍNI – Luxo, Glamour e Beleza”. No rodapé: “Porque um closet, é um Closet!”.

Figura 3: Banner de divulgação do evento



Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

Sobre as disposições espaciais, notei alguns detalhes: a cozinha funcionava como camarim, a laje servia de passarela, composta por quatro canhões de luz e uma bandeira do arco-íris de pano de fundo, o quintal (a pista) foi decorado com balões e cortinas coloridas, além da mesa de juradas/os, cadeiras nas laterais, uma estrutura de metal e lona que funcionava como cabine de DJ, um banheiro improvisado, cujo mictório era um vasilhame de plástico cortado (uma cisterna), e por fim um bar dentro de uma pequena casa aos fundos.

Horas antes do início do concurso, o que víamos era um movimento intenso de pessoas, burburinho, som em volume máximo e um canhão de *laser* que se movimentava freneticamente. Os homens homossexuais presentes possuíam corporalidades e vestimentas semelhantes: a maioria efeminados, trajando calça jeans *skinny*, camiseta justa e tênis ou sapatênis. O público aumentava e apareciam conhecidos e amigos de Milton, alguns “*montados*” de *Drag Queen*. Apesar da pouca divulgação, notei que o uso da rede social *Facebook*, além de fortalecer grupos de homossexuais, foi um canal importante

de comunicação. Assim como nós, muitos estavam ali pela primeira vez, devido à criação de uma página do evento no *Facebook*, por meio da qual a notícia pôde se espalhar com maior velocidade.

Seguindo a pista acima, considero significativa a análise empreendida pelo geógrafo Claude Raffestin (2013) a respeito do que ele chama de binômio “circulação-comunicação”. Nesta perspectiva, é interessante notar como determinadas mobilidades e comunicações constroem “centralidades” e “marginalidades”, a depender do lugar e de fatores diversos. Desse modo, determinados tipos de linguagens comunicativas constroem circulações e vice-versa. Ressalto, então, os efeitos informativos que incidem diretamente na constituição de fluxos pela cidade, nos movimento-ações dos sujeitos, na própria comunicabilidade a respeito de eventos específicos, como é o caso do concurso Marquinha do Biquíni e da rede social *Facebook*. Não se trata aqui de uma netnografia ou de uma etnografia virtual, mas de como a comunicação digital possui relação direta com fluxos e produções de grupos e eventos tanto *on line* quanto *off line*.

Na esteira desse argumento, a antropóloga Carolina Parreiras (2008) buscou pensar interações desenvolvidas do e no ciberespaço, tomando como ponto de partida os relacionamentos estabelecidos entre homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens e que participavam de uma comunidade na extinta rede social *Orkut*. A partir dessa investigação, ela percebeu que a internet representa uma maneira de sair do armário para vários sujeitos de sua pesquisa, majoritariamente homens homossexuais. Na tentativa de alargar ainda mais o escopo de análise, a autora levou em conta como se construía o discurso sobre a homossexualidade dentro e fora da rede (*on line* e *off line*), buscando compreender de que maneira as homossexualidades eram construídas e expressas no virtual, bem como quais eram as convenções e categorias classificatórias empregadas, procurando perceber se houve uma reiteração/reprodução ou subversão/rompimento com o *off line*.

Nota-se que nesse cruzamento entre ambientes *on line* e *off line* se articulam marcações sociais através de convenções e categorias classificatórias na produção de linguagens específicas ou de sujeitos e práticas discursivas. Então, é válido destacar, sobre o concurso que desde 2008 “*elege o melhor bronzeado, a melhor marquinha do biquíni*”, que a justificativa para a sua existência se deu por iniciativa de jovens homossexuais moradores do Guamá, que após as férias escolares de julho se reuniram e decidiram criá-lo, como forma de dar visibilidade e destaque, segundo eles, a um esforço estético-

corporal que visa bronzear o corpo na busca pela acentuação de silhuetas. O que se procura, à primeira vista, é uma estrutura corporal curvilínea, com músculos tonificados e enrijecidos.

Vale ressaltar que a produção de “*luxo*”, “*glamour*” e “*beleza*” expostos no *banner* de apresentação do concurso podem ser bastante inteligíveis quando conjugada a uma economia transnacional de desejo e consumo, procurando validar perfis “centrais” e “periféricos” de beleza. Nesse sentido, somente é possível compreendermos que tais visibilidades não são apenas corporais - mas também políticas -, quando não igualamos, por exemplo, o “*glamour*” a uma lógica única e exclusiva de encantamento (OCHOA, 2012).

Lembrei que na última edição do concurso, realizada no dia 29 de agosto de 2015, os trejeitos e a estética corporal da vencedora instauraram a seguinte querela relacionada ao merecimento do título: “*A vencedora mereceu ganhar porque fez um desfile fino e elegante, apesar da segunda colocada ser mais bonita*” versus “*A segunda colocada mereceu ganhar porque é linda e isso aqui não se trata de um concurso de misses... ela mostrou corpo! Fora que o concurso é realizado numa laje!*”. De um lado, a “*fineza*” e a “*elegância*” da primeira colocada (auto-definida pelo público como “*branca*”) e do outro lado a “*sensualidade*” e as curvas da segunda colocada (auto-definida pelo público como “*morena*”), tudo isso relacionado direta ou indiretamente com as diferenças de classe social representadas pelos termos “*concurso de misses*” e “*concurso realizado numa laje*”.

### **“Porque um closet, é um Closet!”: “candidatas”, representações e manejos**

Com o avançar do concurso, notei que o corpo das “*candidatas*” que adentravam o espaço era delineado pelo uso de vestidos de *lycra* justos, acentuando suas curvas e volumes de coxas, peitos e bunda. Antes do desfile começar, algumas andavam pelo salão cumprimentando amigos e organizando suas torcidas, dos mais variados bairros “centrais” (Marco, São Braz, Pedreira) e “periféricos” (Terra Firme, Jurunas, Marambaia), e distritos (Icoaraci e Mosqueiro). Tais circulações confirmam o sentido coloquial das falas dos belenenses ao verbalizarem que “*Belém é um ovo! Todo mundo se conhece*”. Desse modo, tomando como ponto de referência o Guamá na relação com o trânsito de grupos e pessoas no concurso, advindas de regiões próximas e distantes do bairro, é interessante refletir que tais mobilidades são menos

pautadas na extensão territorial e mais na constituição prévia de parcerias, afinidades e amizades. O que está em jogo nem sempre é a distância; é, no caso da mobilidade das “*candidatas*”, a busca por reconhecimento e pelo prêmio de R\$500,00.

São apresentadas as doze concorrentes, a maioria auto-definida como “*morena*”, de mais ou menos 1,70m, com uma estética que busca a aproximação com padrões de beleza brancos (FRY, 2002): efeito de maquiagem para afilar o nariz, perucas lisas e loiras. Embelezamento. Aparências. De que “*luxo*”, “*glamour*” e “*beleza*” os organizadores do concurso estavam se referindo? Era mais uma forma de enfatizar a figura da mulata desejável (CORREA, 1996) - “*morena cor de jambo*” -, por sua sensualidade e exuberância corporal? Esses questionamentos iam e vinham durante toda a etnografia e não tive como fugir deles.

O marcador de raça/cor em Belém, mas não apenas nesta capital, é bastante caro para o debate sobre a própria constituição da identidade (sexual) brasileira enquanto população miscigenada (GUIMARÃES, 1999; PINHO, 2008; SCHWARCZ, 1993; SOVIK, 2004, para citar apenas alguns). Em Belém, a pergunta “qual é a sua cor?” é sempre respondida de modo a subsumir as palavras negra/negro e/ou preta/preto e, para não serem acusadas/os de racistas, classificam embranquecendo – a constante tentativa do embranquecimento (MUNANGA, 2009, 2004) – e erotizando (MOUTINHO, 2004). Na chave do desejo, é como se não houvesse preferência de cor, mas cor de preferência (RIBEIRO, 2013). No contexto paraense aparecem as seguintes identificações: “*parda/pardo*”, “*morena/moreno*”, “*morena/moreno cor de jambo*”, “*mulata cheirosa*”, “*morena gostosa/moreno gostoso*”, “*negão*”.

Na pesquisa que desenvolvi por ocasião da minha inserção no projeto de pesquisa intitulado “Para entrar no mundo que não é meu!: a iniciação sexual a partir de entrevista com as/os jovens pobres e de camadas médias de Belém do Pará” (REIS, 2013), sob coordenação da Profa. Dra. Mônica Conrado, duas entrevistas despontaram como significativas para que eu pudesse compreender como se constituem as relações pela marcação de raça/cor no contexto da capital paraense. Para tanto, perguntei a Pietro (que se identifica como “*heterossexual*”, de 22 anos) como era - física e fenotipicamente - a parceira na sua iniciação sexual. Ele respondeu: “Ela era morena, alta, tinha as nádegas e os peitos grandes; o corpo dela me atraiu. Ela era gostosa e, também, pela idade, por ser dois anos mais velha e por pensar que era virgem” (REIS, 2013, p. 134). Em outra entrevista, dessa vez com

Amanda (que se identifica como “heterossexual”, de 32 anos), após eu ter insistido no questionamento se a cor foi um fator que influenciou na escolha do parceiro para a sua iniciação sexual, ela respondeu:

É. Foi também. Porque na época do colégio tinha um menino que eu era muito a fim dele. Ele era negão, bonito e tudo, mas eu ficava pensando: “Meu deus! Se eu tiver um filho com ele, será que eu vou ter preconceito do meu filho ser negro e eu ser branca? Será que eu vou aguentar as críticas do pessoal dizendo assim?” [...] Porque eu tenho uma prima que os filhos dela são bem negros, e ela é branca. Então, ela sofreu muito preconceito por causa disso. E eu via isso, às vezes, e ficava pensando: “Será que eu vou ter essa coragem de ouvir as piadinhas de mal gosto e tudo?” [...] É uma coisa que, também, apesar de eu não ser preconceituosa, mas eu não sei se eu estava preparada para enfrentar o preconceito, porque eu já era gorda, e já tinha preconceito de ser gorda, eu já era toda complexada, mas o que influenciou, mesmo, foi o porte físico: ele era todo sarado (REIS, 2013, p. 135).

É significativo notar como o marcador raça/cor “aparece, por vezes, imperceptível ou perceptível, cabendo uma análise mais arguta e que o considere como constituinte de sistemas hierárquicos, por exemplo, da economia do desejo, ou na própria corporalidade” (REIS, 2013, p. 135).

Volto ao concurso. Por uma fração de segundos o quintal foi todo ocupado, deixando uma pequena abertura para o desfile. As doze “candidatas” foram divididas em grupos de seis, uma parte ficou na pista e a outra na laje. A vizinhança parecia não se incomodar com o barulho e se fixava em uma das janelas da casa à direita, próximo à laje, conforme imagem abaixo.

**Figura 4:** Desfile em conjunto das candidatas, na laje



Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

A polícia talvez fosse a mais incomodada. Durante algumas saídas, presenciei rondas na frente da casa, como se estivessem atrás de “suspeitas/os”, ou simplesmente por se tratar de uma festa com a presença de “viados”. Esse clima de vigilância permaneceu da metade para o fim do concurso, mas não atrapalhou seu andamento.

Os aspectos acima me fazem lembrar daquilo que Foucault (1993 [1976]) chamou de “hipótese repressiva”, para dizer que, pelo menos desde o século XVIII, a maior parte da sociedade vive sob a égide de uma hipocrisia sexual, ou melhor, de uma repressão sexual. O trato que é dado à sexualidade e ao sexo impõe uma série de restrições, seja para o ato em si, seja para um simples enunciado sobre a intimidade. Sem querer criar subterfúgios anacrônicos, quero deixar evidente que o argumento de Foucault não explica por completo a realidade pesquisada, mas com certeza ajuda a elucidar que cenas de vigilância policial, por exemplo, compõem uma lógica repressiva, de “apagamento” e “invisibilidade” de determinadas subjetividades homossexuais.

Com o término do desfile em grupo, as “candidatas” saíram de cena e os votos foram recolhidos. As duas *Drags* apresentadoras (Mel Q’boa e Savana

Styling) tomaram seus postos e trouxeram à tona piadas sobre os corpos das concorrentes. Enquanto aguardávamos o resultado, a *Drag* Shantara Gomes se apresentou dublando a música *Easy as life*, interpretada pela cantora Deborah Cox, num estilo de “*performance de diva*” em que mais se dubla e menos se bate cabelo<sup>11</sup>. Na metade da música ecoou uma fala de “*gongação*”: “*De novo essa música?!*”. Shantara retrucou: “*Você que gritou sabe a procedência e o significado da letra da música?*”. O constrangimento foi dissipado em segundos pelo alvoroço do público e ela retomou sua performance, finalizando o show sob os aplausos do público. As “*gongações*” entre “*bichas*” e *Drags*, e vice-versa, são mais comuns do que se pode imaginar. Eu diria que é, também, uma forma de tirá-las das suas zonas de conforto pelo próprio movimento de desestabilização. A reação à “*gongação*” é imprevisível, podendo vir em tom irônico ou ríspido<sup>12</sup>. Os ânimos ficaram mais estridentes e tomaram a rua.

Aludindo à frase do vereador Fernando Carneiro, com foco sobre o direito à cidade, apropriar-se daquela casa e da rua garantiu afirmação e visibilidade, foi uma forma de ocupar o espaço de modo produtivo/propositivo e político (LEFEBVRE, 2001).

Milton Ribeiro (2014, 2015) e Rafael Noleto (2014) empreendem construções analíticas sobre festas específicas no contexto de Belém. Ribeiro, em sua pesquisa de doutorado, em curso, sobre a Festa da Chiquita, mostra o jogo de forças entre homossexuais (principalmente os que organizam a festa) e igreja católica (em geral padres e senhores e senhoras que observam a Chiquita enquanto evento profano, não digno de estar vinculado ao Círio de Nazaré)<sup>13</sup>. Noleto desenvolve uma pesquisa de doutorado sobre os concursos de *Miss Caipira Gay* e *Miss Caipira Mix* nas festas juninas. Este autor traz à baila o protagonismo de determinados homens homossexuais, travestis e transexuais

---

<sup>11</sup> O bate cabelo é um tipo de performance bastante utilizada em determinadas apresentações de *Drag Queens* brasileiras, cujo objetivo é apresentar ao público movimentos ziguezagueados ou circulares com a cabeça, em ritmo acelerado, sem que a peruca seja descolada. Tal expressão não está circunscrita ao espaço do palco, mas aparece nas performances de rapazes homossexuais que emulam cenas performáticas entre si, em espaços de sociabilidade homossexual, sem o uso de peruca.

<sup>12</sup> Não sei até que ponto possa existir nessas dinâmicas relações de parentesco por brincadeira, por exemplo, entre “*madrinhas*” (*Drags*) e “*afilhadas*” (“*bichas*”). O fato é que essa “*gongação*”, no sentido da construção de relações de jocosidade e seriedade, expressa um caráter ambíguo, de amistosidade e hostilidade (RADCLIFFE-BROWN, 1973).

<sup>13</sup> Costumo compreender o efeito da Festa da Chiquita num equilíbrio entre “*sagrado*” e “*profano*”. Balizar tal evento por uma lógica unilateral não ajuda a compreender o Círio de Nazaré enquanto processual e contextual e inviabiliza lançar um olhar histórico-antropológico sobre a constituição do Círio atrelado ao aspecto festivo (COELHO, 1998). Não obstante o hiato entre os primeiros Círios realizados em Belém e as primeiras Festas da Chiquita, reconhecer que essa festa, desde 2004, foi incluída no processo de tombamento do Círio como patrimônio imaterial da humanidade, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é, no mínimo, não estar alheio à sua existência. Para um maior detalhamento sobre a Festa da Chiquita, ver Milton Ribeiro (2014, 2015).

no mês de junho em Belém. A partir de uma chave que leva em conta o caráter estético-político, é importante refletir sobre o modo como tais festas possibilitam uma construção discursiva que se afirma na ocupação de espaços públicos, a princípio, não acolhedores ao público LGBT.

Ao inspirar-se em autoras como a antropóloga Mary Douglas (1991) e a filósofa Judith Butler (2010) e propor uma articulação instigante entre “periferia” e marcadores sociais de sexualidade, gênero e raça, Noletto enfatiza:

Tendo em vista que as candidatas aos concursos “Miss Caipira Gay” e “Miss Caipira Mix” advêm, em grande parte, de bairros periféricos de Belém, busco alargar o conceito de periferia numa tentativa de vinculá-lo não apenas às definições espaciais e socioeconômicas dos centros urbanos, mas de associá-lo, numa lógica mais ampla, às experiências de sexualidade, de gênero e de raça, possibilitando enxergar que, além de residirem em periferias urbanas, estes sujeitos habitam periferias sexuais, raciais e de gênero. Dessa maneira, é possível vislumbrar que os sujeitos desta pesquisa vivenciam, em geral, sexualidades e convenções de gênero consideradas periféricas, pois apresentam elementos *poluidores* em relação a uma ordem social hegemonicamente pautada em relações heterossexuais e em fronteiras rígidas que definem a inteligibilidade daquilo que é masculino e feminino (NOLETO, 2014, p. 104).

Douglas (1991) e Butler (2010), cada uma a seu modo, exprimem análises pertinentes sobre a maneira como se estabelecem ordenamentos sociais. Os jogos de poder que aparecem em suas obras entre ordem/desordem, sujeira/poluição, inteligível/ininteligível servem de confronto argumentativo. A maneira pela qual pressões sociais são reforçadas por crenças que direcionam ações, sejam estas abstratas, sejam práticas, estabelece “certezas” que se pretendem inquestionáveis e é na problematização de tais “certezas” que as autoras se debruçam. Nesse sentido, olhar para a produção de sociabilidades homossexuais a partir do concurso Marquinha do Biquíni auxilia na desestabilização de convenções de gênero, sexualidade, classe e raça/cor, justamente pela produção de performances de gênero femininas elaboradas por homens, advindos, majoritariamente, de bairros “periféricos”, que “embranquecem” ou “escurecem”, dependendo do que pretendem representar nessa disputa corporal.

A visibilidade político-corporal com a qual o concurso Marquinha do Biquíni é expresso (não necessariamente apresentando uma relação direta com o Estado) mostra que os gritos, gargalhadas, beijos, correrias, torcidas, além de fazerem parte desse cenário, extrapolam a dimensão interna da festa, da rua, do bairro e do que em uma linguagem apressada pode ser compreendido como “gueto”. São, sobretudo, sociabilidades que possuem um sentido de produção móvel marcado por “eventualidades espaço-temporais” (MASSEY, 2013) “periféricas” construídas em relação ao que é considerado “central” e legitimado.

Na revisão da literatura sobre sexualidade, sociabilidade e mercado na antropologia brasileira, desenvolvida pelas/os antropólogas/os Regina Facchini, Isadora Lins França e Camilo Braz (2014), pelo menos três pontos chamam atenção: I (1960) – uma acentuada noção de “gueto” articulada a vivências homossexuais pela via da clandestinidade; II (1980) – um notável processo de transformação social que irá demandar protagonismos específicos (de grupos de negros(as), de mulheres, e de militância homossexual); e III (anos 2000) – elaboração de uma agenda política voltada para os “direitos sexuais”, refletida em legislações específicas para “grupos minoritários”, nas Paradas do Orgulho LGBT, no considerável aumento de grupos de pesquisa em gênero e sexualidade nas universidades brasileiras e na constituição de “mercados” segmentados (espécies de nichos de consumo)<sup>14</sup>.

Se a partir da década de 1960 a noção de “gueto” encontrava eco em uma série de pesquisas sobre homossexualidade nas ciências sociais em âmbito nacional e internacional (LEZZNOFF; WESTLEY, 1998 [1965]; ACHILLES, 1992 [1967]; WARREN, 1998 [1974]; LEVINE, 1998 [1979]; PERLONGHER, 2008 [1987]; MACRAE, 1983; BARBOSA DA SILVA, 2005 [1958]; GUIMARÃES, 2004 [1977]), não exatamente concentradas em estabelecimentos comerciais, mas também na constituição de redes (por meio de certa noção de “comunidade”), é no processo de mudanças sociais, o qual se inicia na década de 1980 e tem o seu ápice nos anos 2000, que uma maior expressão de “mercado” segmentado vem à tona (FACCHINI; FRANÇA; BRAZ, 2014)<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> De modo a compor uma breve revisão da literatura brasileira sobre (homo)sexualidades nas Ciências Sociais, ver também Bruno Puccinelli, Milton Ribeiro, Ramon Reis e Thiago Soliva (2014). Este artigo não se vale de um encapsulamento geracional como forma de explicar os processos de transformação social em torno da (homo)sexualidade. Os termos geração e trajetória que acompanham o texto servem menos para colar pesquisadores a determinada década e mais como vetores de preocupação de pesquisa que seguem o contexto de cada época.

<sup>15</sup> Sobre os impactos e as transformações da homossexualidade em torno das noções de “gueto” e “mercado”, ver o elucidativo artigo das/os antropólogas/os Júlio Simões e Isadora Lins França (2005). O trabalho do sociólogo Ernesto Meccia (2011) também indica caminhos para uma reflexão mais acurada sobre a homossexualidade contemporânea, partindo de um contexto pós-ditatorial argentino. Nos Estados Unidos, o estudo do historiador John D’Emilio (1993) serve como problematização acerca dos efeitos do capitalismo para a construção de uma identidade gay.

Cabe destacar que essa maior expressão de “mercado” segmentado inevitavelmente mostra direcionamentos para uma compreensão da cidade, basta ter em mente que, se há uma expansão dos circuitos de lazer e sociabilidade homossexual em várias cidades brasileiras, a própria noção de segmentação indica o que e quem deve ser atingido/privilegiado, ou seja, são aspectos evidenciados em marcações de espaço-tempo e, sobretudo, de classe social.

Bruno Puccinelli (2013) mostra como se constroem noções de cidade a partir, por exemplo, da representação dos mapas de turismo GLS (Gays, Lésbicas, Simpatizantes) de São Paulo. Nessa cartografia muito bem planejada pelos empresários locais e analisada com propriedade pelo autor, é notório que o turismo GLS para São Paulo está concentrado em pontos da cidade (boates, saunas, restaurantes etc., localizadas em regiões “centrais”, onde a maioria da população residente possui alto poder aquisitivo) bastante conhecidos por uma clientela específica – homens homossexuais majoritariamente brancos e de classe média/média alta. Análises como a de Puccinelli precisam ser difundidas em todo o cenário nacional, exatamente porque escancaram abismos entre classes e sexualidades por meio de uma noção geográfica de territorialidade ainda pouco levada em conta nos estudos sobre gênero e sexualidade no Brasil.

Retornando aos momentos finais do concurso, em meio ao aglomerado de pessoas e às “gongações” entre torcidas, o carro da polícia voltou a rondar e se fixou na frente da casa. O resultado foi divulgado quando a maioria que estava na rua entrou. Pensando nos corpos e gradiente de cores, compunham o seguinte quadro das três primeiras colocadas: a terceira – “parda” ou “morena”, com peruca na cor castanho, 1,70m, com um “corpo normal”, de poucas curvas -; a segunda – “branca”, de peruca loira, 1,70m, também com um “corpo normal” com curvas razoavelmente acentuadas -; a primeira – “morena”, ou também “morenaça”, usava peruca na cor castanho, 1,70m, de um corpo com músculos bastante definidos e marca de biquíni que contrastava diretamente com seu tom de pele. Todas essas medições e estéticas corporais são apenas minhas observações aproximativas relacionadas a determinados termos êmicos, ambas apresentadas para uma melhor compreensão.

Olhei para elas e vi rostos e corpos, nitidamente, com pouca experiência em concursos. O que também me chamou atenção dizia respeito ao traço daquelas juventudes, que, de algum modo, se assemelhavam: a busca por visibilidade e uma potencial corporalidade que não colocada em primeiro plano; aspectos experimentados com vivacidade, destacada em sentimentos de decepção e alegria. A vencedora recebeu o prêmio em dinheiro e a faixa, e

logo virou celebridade instantânea. A premiação causou alvoroço e desentendimentos. Enquanto eu tentava sair, ouvi uma gritaria vindo da rua. Tratava-se da rivalidade entre candidatas e torcidas que afirmavam que o resultado tinha sido forjado. O tumulto se dissipou na avenida José Bonifácio. Entre troca de acusações, não presenciei agressões físicas. A polícia observava de longe. Voltei para a festa, mas tinha terminado. Milton me deixou no ponto de táxi e nos despedimos. Por volta de 4h, retornei para casa e fiquei refletindo sobre o sentido e os efeitos daquele concurso, lançando mão do meu desconhecimento sobre tais sociabilidades.

Concluindo. Nessa etnografia, coloquei em primeiro plano o que chamei de visibilidades político-corporais, a partir de um evento que é muito mais que estética e corpo. Ainda que a ênfase das “*candidatas*” e do público recaia, quase sempre, na produção de arquétipos de beleza, há, mesmo que indiretamente, um diálogo entre juventude homossexual e cidade em uma chave argumentativa envolta por expressões de gênero performáticas e apropriações do espaço urbano com menos fixidez e mais circulação e borrimento de fronteiras, exatamente porque o concurso que etnografei não tem que ser compreendido enquanto fronteira no sentido de uma divisão demarcatória, pois é a partir de um processo de descentralização que se pode imaginá-lo articulado em redes de relações e entendimentos sociais.

Portanto, a produção de estéticas corporais “periféricas”, através da participação de jovens homossexuais no concurso Marquinha do Biquíni, complexifica a relação simplória entre juventude homossexual e “ausência” de consciência política, ou seja, de que a presença de tais jovens e a própria produção da festa possuem caráter de “esvaziamento” político.

## Referências bibliográficas

- ACHILLES, Nancy. The development of the homosexual bar as an institution. In: DYNES, Wayne R.; DONALDSON, Stephen (Ed.). *Sociology of homosexuality*. New York: Garland Pub, 1992 [1967]. p. 2-18.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO MUNICÍPIO DE BELÉM, v. 16, 2011 – Belém: Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão, 2012.
- BARBOSA DA SILVA, José Fábio. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005 [1958]. p. 39-212.
- BRAH, Avtar. Diferenças, diversidade e diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 26, p. 329-376, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- COELHO, Geraldo Mártires. *Uma Crônica do Maravilhoso: legenda, tempo e memória no culto de Nossa Senhora de Nazaré*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998.
- CORREA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 6-7, p. 35-50, 1996.
- COSTA, Antonio Maurício Dias. *Lazer e sociabilidade: usos e sentidos*. Belém: Açáí, 2009.
- COSTA, Xavier. Festive traditions in modernity: the public sphere of the festival of the Fallas in Valencia (Spain). *The sociological review*, London, v. 50, n. 4, p. 482-504, 2002.
- DEBERT, Guita. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 49-70, 2010.
- D'EMILIO, John. Capitalism and Gay Identity. In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle Aina; HALPERIN, David M. (Ed.). *The lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge, 1993. p. 467-476.
- DIAS JÚNIOR, José do Espírito Santo. *Cultura Popular no Guamá: um estudo sobre o boi-bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém*. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, p. 99-140, 2014.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 54-81, 2009.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. *Bagoas*, Natal, n. 4, p. 131-158, 2009.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?* Movimento e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de tensão: política e violências nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora da Unesp; CEM; Cebrap, 2011.

FERREIRA, Carmena Fadul. *Levantamento geográfico da várzea do Tucunduba*. 1995. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993 [1976].

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014 [1975].

FRY, Peter. Estética e política: Relações entre “raça”, publicidade e produção de beleza no Brasil. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 303-326.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e antirracismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004 [1977].

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. São Paulo: Editora Vozes, 2005. p. 103-133.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LEVINE, Martin P. Gay ghetto. In: NARDI, P. M.; SCHNEIDER, B. E. (Ed.). *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader*. New York: Routledge, 1998 [1979]. p. 194-206.

LEZNOFF, M.; WESTLEY, W. A. The homosexual community. In: NARDI, P. M.; SCHNEIDER, B. E. (Ed.). *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader*. New York: Routledge, 1998 [1965]. p. 5-11.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 53-60, 1983.

- MARRA, Maria Lúcia Martins Pedrosa. *Violência e Transgressão na periferia de Belém: sociabilidade e os arranjos criminosos no espaço de ocupação Riacho Doce*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Uma outra “invenção” da Amazônia*. Belém: Cejup, 1999.
- McCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- MECCIA, Ernesto. *Los últimos homosexuales: sociología de la homosexualidad y la gaycidad*. Buenos Aires: Gran Aldea, 2011.
- MITSCHEIN, Thomas Adalbert. *Crescimento, pobreza e violência em Belém*. Belém: NUMA/UFPA; POEMA, 2006.
- MOUTINHO, Laura. *Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Unesp, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-56, 2004.
- NOLETO, Rafael. “Brilham estrelas de São João!”: notas sobre os concursos de “Miss Caipira Gay” e “Miss Caipira Mix” em Belém (PA). *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 74-110, 2014.
- OCHOA, Marcia. A moda nasce em Paris e morre em Caracas. In: MILKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa (Org.). *Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012. p. 59-72.
- PARREIRAS, Carolina. *Sexualidades no pontocom: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade online*. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008 [1987].
- PINHO, Osmundo. Introdução. A Antropologia no espelho da raça. In: SANSONE, Lívio; PINHO, Osmundo (Org.). *Raça: novas perspectivas antropológicas*. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: Editora da UFBA, 2008. p. 9-23.

PUCCINELLI, Bruno. *Se essa rua fosse minha: sexualidade e apropriação do espaço na “rua gay” de São Paulo*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013.

PUCCINELLI, Bruno; RIBEIRO, Milton; REIS, Ramon; SOLIVA, Thiago. Sobre gerações e trajetórias: uma breve genealogia das pesquisas em Ciências Sociais sobre (homo)sexualidades no Brasil. *Pensata*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 9-47, 2014.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. Os parentescos por brincadeira. In: RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 115-132.

RAFFESTIN, Claude. *Por una geografía del poder*. Zamora: El Colegio de Michoacán, 2013.

REIS, Ramon. 'A cidade não se relaciona com a periferia': (des)centralidades e circulações de jovens homossexuais em bairros 'periféricos' de São Paulo e Belém. In: Anais Eletrônicos do 39º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Minas Gerais, 2015, p. 1-40.

REIS, Ramon. Entre Fluxos e Contrafluxos, “Periferias” e “Centros”: descentralizando sociabilidades homossexuais na cidade de São Paulo. *Gênero na Amazônia*, Belém, n. 6, p. 63-90, jul./dez. 2014.

REIS, Ramon. Do interior para a capital: algumas histórias sobre a iniciação sexual de jovens universitários em Belém. In: CONRADO, Mônica (Org.). *Juventudes em trânsito: a iniciação sexual em debate*. Belém: Paka-Tatu, 2013. p. 115-154.

RIBEIRO, Milton. “E a Quadrilha Toda Grita... Viva a Filha da Chiquita!”: notas etnográficas da Festa da Chiquita em Belém-PA. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 16, p. 1-15, 2015.

RIBEIRO, Milton. “Eu Sou a Filha da Chiquita Bacana...” notas antropológicas sobre a Festa da Chiquita em Belém do Pará. *Gênero na Amazônia*, Belém, n. 6, p. 183-212, jul./dez. 2014.

RIBEIRO, Milton. “Só foi inesquecível porque foi a primeira vez, né?!”. Práticas, dizeres e imaginários sobre iniciação sexual e marcadores sociais da diferença entre homens jovens da periferia de Belém-Pará. In: CONRADO, Mônica (Org.). *Juventudes em trânsito: a iniciação sexual em debate*. Belém: Paka-Tatu, 2013. p. 79-114.

RODRIGUES, Carmem Izabel. *Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano*. Belém: Editora do NAEA, 2008.

SANTANA, Lorena de Lima Sanches. Geografia e violência na periferia de Belém: uso do território, produção do espaço e índices de homicídios nos bairros do Guamá, Terra

Firme e Jurunas. Belém-PA. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE ESTUDIOS TERRITORIALES Y AMBIENTALES, 6. *Anais...* São Paulo, 8 a 12 de setembro de 2014. p. 2580-2596.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas).

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005. p. 309-336.

SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e mídia no Brasil. In: WARE, Vron (Org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 363-386.

WARREN, Carol. Space and time. In: NARDI, P. M.; SCHNEIDER, B. E. (Ed.). *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader*. New York: Routledge, 1998 [1974]. p. 183-193.

